



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Sistema de transporte de Aracaju não é acessível

■ Utilizar os serviços do sistema de transporte coletivo de Aracaju é considerado uma tortura por muitos usuários. Agora, imagine se o passageiro sofre de alguma deficiência. Multiplique por três esse martírio. O autônomo Leonardo Braga, 33 anos, sabe bem disso. Ele é deficiente físico. São muitas queixas. Constrangimentos diários.

“A primeira delas: poucos elevadores dos ônibus funcionam. Os motoristas e cobradores dizem logo que estão quebrados ou alguma desculpa. Mas, na realidade, é má vontade. Eles alegam, muitas das vezes, que estão sem a chave. Porém, sei que, mesmo sem, tem como funcionar”, relata Leonardo.

Existem diversas leis que beneficiam as pessoas com deficiência. Uma dessas permite que os passageiros com mobilidade reduzida desçam ou subam em qualquer local do trajeto da linha de ônibus. “Os motoristas dão piadinha. Se eu estiver sozinho, passam reto. Idoso sofre com isso também. Fazem de conta que não enxergam a gente”, reclama Leonardo.

DESRESPEITO À LEI

“Semanas atrás, quase soltava da cadeira de rodas e batia em um motorista”, diz Leonardo, em tom de brincadeira. O autônomo tem vários casos de desrespeito. “Certa vez, estava num ponto do Augusto Franco e o condutor do ônibus passou reto. Fui para o outro lado da avenida, em outra parada, e passou reto novamente”, relata.

Leonardo já deixou de se despedir de um amigo que faleceu. “Fui informado pelo fiscal



Everton: o ideal é 100% dos elevadores funcionando

do terminal que a linha mais próxima do Cemitério Colina da Saudade não tinha elevador no ônibus”, relembra. Para o presidente da Associação dos Deficientes Motores de Sergipe - ADM - , Antônio Fonseca, o transporte coletivo de Aracaju ainda não superou barreiras.

“Para uma pessoa deficiente, pegar ônibus é uma luta diária. Só alguns têm elevador e muito deles não têm manutenção. Estão quebrados”, informa Antônio. Até hoje, as empresas de transporte coletivo não se adequaram a Lei 7853/89, que versa sobre acessibilidade. Segundo o presidente da ADM, a Prefeitura de Aracaju é negligente.

DEFICIENTES VISUAIS

“Falta o poder público tomar ciência que o comando é dele. A Prefeitura é a responsável pelo sistema de transporte. Mas, infelizmente, deixa nas mãos dos empresários”, afirma Antônio. Segundo Everton de Jesus, presidente do Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência, dez anos atrás a acessibilidade para os deficientes físicos quase não existia.

“Com a fiscalização da SMTT, do Ministério Público, conseguimos que quase 80% da frota de ônibus tenham elevadores. Não é o suficiente. O ideal é o 100% e em pleno funcionamento”, informa Everton. As reclamações também abrangem os deficientes visuais. “Não temos acessibilidade. Com essa carteirinha nova de transporte, a dificuldade é maior ainda”, afirma Sueli Santos, presidente da Associação dos Deficientes Visuais.

Sueli se refere à bilhetagem

eletrônica. Durante a coleta de lançamento da campanha de conscientização, o presidente do Setransp, Alberto Almeida, ratificou que o uso dos assentos na dianteira dos ônibus deve ser restrito às pessoas com pouca mobilidade que não podem passar pela catraca - gestantes, pessoas obesas ou com deficiência. Ou seja, não atinge os deficientes visuais.

APLICATIVO SONORO

Sueli reivindica a implantação de sistema sonoro para deficientes visuais. “Ficaram de implantar aqui o ‘Busalert’. Mas ainda não tem previsão. O superintendente da SMTT apresentou para a gente o aplicativo no evento Aracaju Acessível do ano passado”, informa. Esse sistema foi desenvolvido para dispositivos móveis com o intuito auxiliar o passageiro.

“Busalert” ajuda, principalmente, o portador de necessidades especiais a monitorar as distâncias e/ou o tempo de chegada entre o ônibus mais próximo e o ponto onde ele se encontra. O aplicativo emite aviso sonoro. Assim como os deficientes motores, os visuais também reclamam dos motoristas, fiscais e cobradores.

“Falta preparo dos motoristas para receber passageiros com deficiência visual. Boa parte é arredia em dar informação”, afirma o radialista e estudante de Geografia Aleanderson de Oliveira, 36 anos. Ele também faz crítica ao comportamento dos passageiros. “Deveria existir uma campanha para orientar a população em preservar as placas em braille e não ocupar a faixa dos pisos táteis”, diz. ■

Cinform - 09 a
15/03/2015